

PROJETO DE LEITURA

HARY E KARIMÃ

OS BONS VELHINHOS DA FLORESTA

YAGUARÊ YAMÃ

Ilustrações de **Wanessa Ribeiro**



Projeto de leitura elaborado por **Thiago Moraes Fernandes Cruz**

Graduado em Letras (bacharelado e licenciatura) pela Universidade de São Paulo e mestre em Estudos Comparados de Literatura de Língua Portuguesa pela mesma instituição. Professor de Língua Portuguesa para os Anos Finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio há mais de 15 anos, também atua no mercado editorial como preparador e revisor de textos e na criação de conteúdos didáticos e de literatura.

1. Para começar...

Apresentação: O livro *Hary e Karimã, os bons velhinhos da floresta* apresenta uma lenda do povo sateré-mawé na qual um casal sem filhos percorre aldeias da região amazônica entregando presentes às crianças e remédios aos enfermos. Quem presenteava as crianças era Awyá, apelidada de Hary ou vovó. Karimã, seu marido, além de construir os brinquedos, reunia os homens das aldeias à noite para contar-lhes histórias. Quando envelheceram, Hary e Karimã decidiram restringir suas visitas ao mês de dezembro, época que ficou conhecida como Çuriçawara, ou Dia da Felicidade. A narrativa, além de proporcionar um mergulho em outra cultura e apresentar uma das muitas etnias dos povos originários do Brasil, também envolve o leitor, mostrando que o tradicional Natal não teve origem apenas na Europa.

Objetivos do projeto de leitura:

- despertar o interesse pela narrativa mítica e pelos saberes tradicionais;
- valorizar o imaginário e a cultura dos povos originários;
- perceber a existência da pluralidade cultural e étnica dos povos indígenas;
- desenvolver a habilidade de relacionar textos verbais e não verbais;
- compreender a importância da preservação do meio ambiente para a vida no planeta.

Justificativa: A obra *Hary e Karimã, os bons velhinhos da floresta* tem um papel fundamental na formação dos jovens cidadãos, pois sua ação está situada em um cenário crucial para o meio ambiente: a Amazônia. Ainda que o livro não apresente diretamente os problemas ambientais e seus agentes causadores, ele sensibiliza os estudantes acerca da cultura e da tradição dos povos amazônicos,



estimulando um olhar humanizador para essas comunidades e para o lugar onde vivem, além de favorecer a discussão sobre a importância da região para a vida de todos nós. O livro, escrito e ilustrado por indígenas de diferentes etnias brasileiras, também traz referências a vários aspectos da cultura de povos originários, permitindo um contato maior do estudante com culturas diversas. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), isso é de grande importância, pois valoriza a exploração de práticas e produções de culturas diferentes da sua (BRASIL, 2018).

Indicação:

Estudantes a partir do 4º ano.

Conteúdos disciplinares:

Língua Portuguesa, História, Sociologia.

Assuntos:

Indígenas, cultura popular, valores, folclore.

Temas Contemporâneos Transversais:

Cidadania e Civismo, Meio Ambiente, Multiculturalismo.

Datas especiais:

19/4 – Dia dos Povos Indígenas
17/7 – Dia de Proteção às Florestas
25/12 – Natal

2. Propostas de atividades

O objetivo das propostas a seguir é indicar uma trilha de atividades que facilitem a reflexão sobre a obra, mostrando caminhos para sua compreensão.

Pré-leitura

Antes de iniciar a leitura, chame a atenção dos estudantes para o título e o nome do autor; depois, peça que levantem hipóteses sobre o universo cultural do qual o livro trata. Espera-se que eles consigam notar que a ortografia e a fonética dos nomes presentes no título remetem a uma língua indígena e que, conseqüentemente, a obra vai desenvolver uma história sobre a cultura de um desses povos.

É importante estabelecer que as comunidades indígenas têm costumes, tradições e línguas diferentes, já que, muitas vezes, as entendemos como uma única realidade. Uma forma de abordar o tema é apresentar as biografias do autor e da ilustradora, ambos indígenas, mas de origens e estilos de vida diferentes: enquanto Yaguarê mora na região amazônica, Wanessa mora na zona metropolitana do Rio de Janeiro.

Após esse primeiro contato, peça-lhes que folheiem a obra e observem cuidadosamente as imagens, incentivando-os a notar a tonalidade das cores usadas e quais figuras compõem cada ilustração. Depois, sugira que interpretem as imagens e criem histórias baseadas nelas, trabalhando assim a habilidade de compreensão do texto não verbal e sua relação com a escrita. Para valorizar a oralidade típica da narrativa mítica, organize a turma em um círculo de mediação de leitura, na própria sala de aula, na sala de leitura ou em outro espaço escolar confortável e adequado à atividade.

Essa atividade contempla as seguintes habilidades descritas na BNCC para os componentes curriculares Língua Portuguesa e Arte: **EF15LP18**, **EF35LP11**, **EF15AR05** e **EF15AR06**.

Leitura

Proponha uma leitura coletiva para observar e comentar a forma como cada estudante pronuncia as frases. Valorize e estimule a leitura, sugerindo distintas possibilidades de entonação e corrigindo, quando for o caso.



Chame atenção para a forma como a história é iniciada: a expressão “Contam os antigos...” indica um tempo impreciso, uma narrativa acontecida em um passado remoto e que sobreviveu aos dias atuais graças à oralidade. Relacione essa forma de iniciar a história à de outras narrativas, provavelmente conhecidas pelos estudantes, como os contos de fadas. Cite a expressão clássica que inicia o gênero textual conto maravilhoso – “Era uma vez...” – e pergunte a eles qual é a semelhança entre o início desses contos e o do livro. Ainda nessas primeiras páginas, explore o significado da palavra “awyá”, que, na língua sateré, significa “abelha”: “Quais são as características da personagem?”; “Ela trabalhava muito ou pouco?”; “E uma abelha?”; “Ela trabalha para o bem de uma comunidade ou somente para si?”.

Um ponto de convergência entre a narrativa e a experiência sociocultural do estudante é a sugestiva ligação entre o Dia da Çuriçawara e o Natal, já que ambas as festas são comemoradas em dezembro, contemplam a distribuição de presentes e reuniões familiares e incentivam um espírito caridoso e solidário entre as pessoas. Para que os estudantes percebam essa relação, você pode sugerir-las por meio de perguntas, para que notem as semelhanças e diferenças entre as duas datas. Outro ponto fundamental é a discussão sobre a importância dada às festas comemorativas de origem estrangeira, principalmente as europeias e estadunidenses, em detrimento de festas e cultos indígenas. É importante que os estudantes reflitam sobre como o Natal ou o Halloween, por exemplo, são datas mais conhecidas e comemoradas do que as festas típicas dos povos originários e como esse desconhecimento é reflexo de um certo domínio cultural estrangeiro.

Na página 12, o trecho “Essa tal Ypuré gostava mesmo era de homens casados. Tanto é que se transformava em moça bonita às vezes... Mas aí já não é mais história para crianças” pode ser



trabalhado cuidadosamente, em conformidade com a faixa etária dos estudantes. Trata-se de uma passagem importante de ser abordada, já que interrompe a narrativa e sugere a inadequação do conteúdo afetivo-sexual implícito. É possível iniciar a abordagem do trecho por meio da gramática: “O que significam as reticências nessa passagem?”. Espera-se que os estudantes percebam que se trata de uma interrupção intencional da narrativa e notem a explicação na frase subsequente, que justifica o motivo dessa omissão. Adaptando a interpretação do texto à faixa etária, é possível também trabalhar a entonação da leitura, sugerindo o efeito causado pelas reticências e uma possível modulação de voz ao explicar o porquê dessa interrupção.

Essa atividade contempla as seguintes habilidades descritas na BNCC para o componente curricular Língua Portuguesa: **EF35LP01**, **EF35LP04**, **EF35LP07**, **EF35LP29** e **EF35LP27**.

Pós-leitura

As atividades realizadas após a leitura ajudarão os estudantes a fixar os temas da obra e a refletir sobre ela. A seguir, apresentamos algumas sugestões.

1. Roda de histórias

Proponha que os estudantes se reúnam em grupos e leiam mitos e lendas indígenas pré-selecionados por você. Após a leitura, cada grupo deve contar a história lida para a turma, que, depois de ouvi-la, deverá fazer desenhos dos trechos mais significativos, desenvolvendo, assim, a capacidade de contar histórias por meio de uma narrativa exclusivamente imagética. Uma sugestão é que, quando os estudantes forem compartilhar seus desenhos com a classe, a turma permaneça sentada no chão e em círculo, tornando a atividade mais próxima da experiência de oralidade dos povos amazônicos.

2. Mitos e lendas

Outra sugestão de uso dos mitos e lendas dos povos originários da Amazônia, previamente selecionados por você, é propor que os estudantes, organizados em grupos, façam a dramatização de um

deles. Há também a possibilidade de apresentar livros ou *sites* contendo narrativas indígenas e pedir aos estudantes que façam uma curadoria e selecionem os textos que gostariam de trabalhar. Caso a escola disponha de recursos audiovisuais, sugira o uso de ferramentas multimídia na apresentação dos grupos, entremeando a apresentação teatral com a exposição de imagens estáticas e/ou em movimento e músicas. Após cada apresentação, estimule a análise e interpretação da narrativa feita pelos grupos: “Qual é a função dos personagens no enredo?”; “Quem são os protagonistas, antagonistas ou personagens secundários?”; “Como se dá o desenvolvimento do enredo?”; “Quais são o conflito, o clímax e o desfecho?”; “Como é a caracterização do espaço onde se desenvolve a trama?”.

Essas atividades contemplam as seguintes habilidades descritas na BNCC para os componentes curriculares Língua Portuguesa e Arte: **EF15LP18**, **EF15LP19**, **EF35LP25**, **EF35LP27**, **EF15AR05**, **EF15AR06**, **EF15AR20** e **EF15AR21**.

3. Propostas de atividades para os estudantes

As atividades a seguir podem ser utilizadas como verificação de leitura e ser respondidas em sala de aula ou em casa, conforme julgar mais adequado.

- 1 O Dia da Felicidade, ou Çuriçawara, celebrado no mês de dezembro, equivale a uma data comemorativa semelhante na sua sociedade? Explique.

Espera-se que os estudantes relacionem o dia de Çuriçawara ao Natal, quando o espírito de fraternidade e caridade tende a se manifestar mais fortemente nas pessoas. É a época em que as famílias costumam se reunir para celebrar e trocar presentes.

- 2 Qual personagem do livro representa um lado sombrio e mal-doso do ser humano? Qual ilustração do livro apresenta essa personagem e como podemos relacionar sua descrição maligna com sua ilustração?

A personagem chama-se Ypuré, “a demônio dos caminhos”, e é descrita como o oposto de Hary. Ela representa toda a maldade e discórdia.

Ypuré pode ser identificada por seus dentes afiados, pelo olhar fixo e pela ambientação sombria e escura da ilustração, que contrasta com as cores claras e alegres dos demais desenhos.

- 3 Você acha importante conhecer a cultura e a tradição dos povos que vivem na Amazônia, como suas lendas, hábitos e formas de vida? Por quê?

Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes compreendam a importância da preservação cultural – que nesse caso está diretamente ligada à ambiental – dos povos amazônicos, como uma forma de enriquecer sua visão de mundo por meio da reflexão sobre comunidades com valores, línguas e culturas muito diferentes das que eles vivenciam. Essa é mais uma oportunidade para reforçar como nos distanciamos das tradições dos povos originários brasileiros e nos aproximamos de tradições internacionais.

4. Sugestões para o professor

Por meio das atividades sugeridas neste projeto de leitura, pretendemos auxiliar no trabalho com o livro em sala de aula. A seguir, apresentamos algumas indicações para expandir as discussões.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EF_EF_110518_versoafinal_site.pdf. Acesso em: 24 jul. 2023.

A BNCC é o documento que define as habilidades essenciais que as escolas brasileiras devem desenvolver nos ensinos Infantil, Fundamental e Médio, e tem como objetivo garantir o direito à aprendizagem e o desenvolvimento intelectual pleno de todos os estudantes.

BRUM, Eliane. *Banheiro Ôkôtô*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

A jornalista Eliane Brum denuncia os danos causados pela exploração predatória da Amazônia e suas trágicas consequências.

FALAS da Terra. Direção: Antonia Prado. Brasil: Globoplay, 2021. 1 vídeo (43 min).

Este documentário, exibido pela Rede Globo em homenagem ao Dia dos Povos Indígenas, em 2021, aborda um problema enfrentado pelas diversas comunidades indígenas brasileiras: o descumprimento das políticas públicas que asseguram sua dignidade.

KAÊ Guajajara – EP Wiramiri. [S. l.: s. n.], 27 set. 2020. 1 vídeo (ca. 20 min). Publicado pelo canal AZURUHU. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Zv3J8ayMnoA>. Acesso em: 28 abr. 2023.

A cantora indígena Kaê Guajajara – nascida em uma aldeia maranhense e crescida na favela da Maré no Rio de Janeiro – apresenta canções que mesclam sua identidade indígena e urbano-periférica.

MISTÉRIOS da Amazônia – E se as lendas indígenas forem verdades? O que explicaria isso? [S. l.: s. n.], 12 set. 2019. 1 vídeo (ca. 10 min). Publicado pelo canal O Documentarista. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tdrlo5dJ4oY>. Acesso em: 15 mar. 2023.

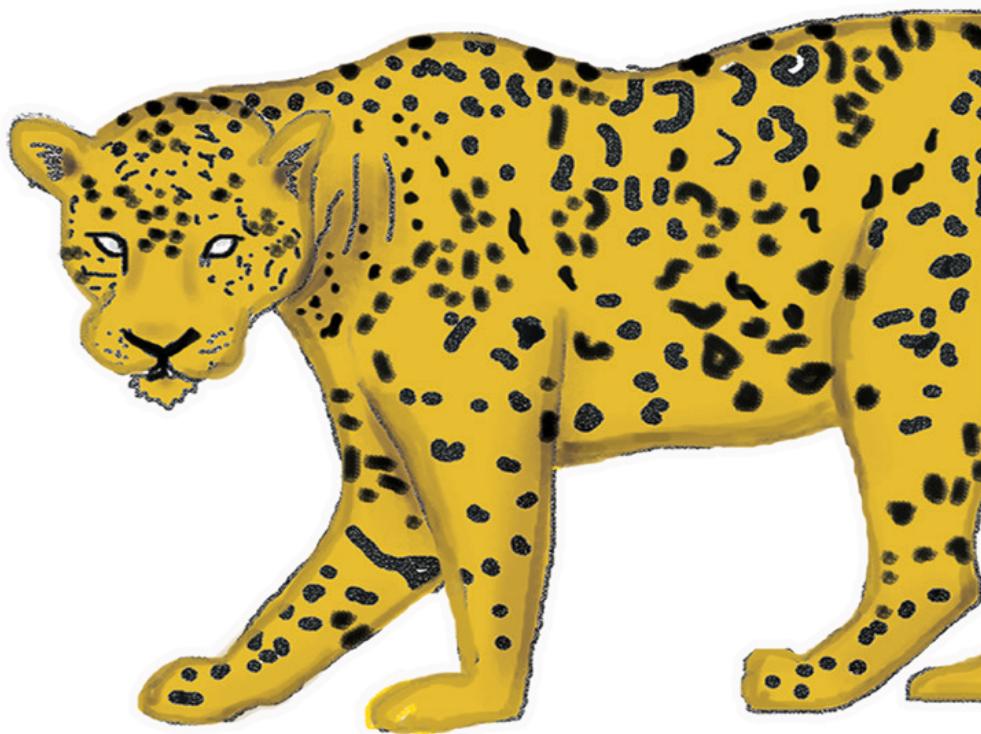
O vídeo apresenta uma série de lendas e mitos dos povos amazônicos.

MUNDURUKU, Daniel. *Contos indígenas brasileiros*. São Paulo: Global, 2005.

O livro de resgata a memória ancestral de vários povos indígenas, recuperando suas narrativas míticas e formativas.

PORRO, Antonio. *As crônicas do Rio Amazonas*. Manaus: Valer, 2020.

O livro conta os relatos de um aventureiro português que trava contato com povos que viajavam pelo Alto Amazonas.



Clique na capa abaixo e adquira o livro nos formatos impresso e digital.

